



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

A EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA E O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS¹

Bianca Joana Mattia², Luana Roberta Schneider³, Sinval Adalberto Rodrigues Junior⁴, Maria Assunta Busato⁵, Lucimare Ferraz⁶

¹ Trabalho construído a partir da disciplina Epidemiologia Socioambiental do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Bolsista FAPESC.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Bolsista CAPES.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

⁶ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

Resumo

Introdução: o modelo hegemônico da pesquisa na área da saúde é baseado no positivismo, que, por sua vez, afasta-se de campos como a filosofia, que permitem compreender a complexidade do processo saúde-doença. **Objetivo:** refletir acerca das contribuições do materialismo histórico-dialético como epistemologia da epidemiologia crítica, na área da saúde. **Resultados:** a epidemiologia crítica auxilia na busca de explicações sociais do processo saúde-doença, por meio de uma pluralidade metodológica. Assim, o materialismo histórico dialético surge como possibilidade de aproximação entre as ciências da natureza e as ciências sociais, trazendo a história como contexto da atividade humana concreta e buscando nos princípios da dialética seus fundamentos. **Conclusão:** a epidemiologia crítica pode contribuir para a compreensão da complexidade do processo saúde-doença, uma vez que se apresenta como abordagem que possibilita a visão de totalidade dos fenômenos. Somado a isso, o materialismo histórico dialético se afirma como epistemologia da epidemiologia crítica na possibilidade de uma postura contra hegemônica nesse campo.

Introdução

Tomamos como ponto de partida para a discussão o entendimento sobre epistemologia. A epistemologia é o campo da filosofia que estuda a construção do conhecimento científico, em particular. O termo epistemologia dá origem ao termo 'teoria do conhecimento' ou 'da ciência' (PAVIANI, 2013).



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

É importante reconhecer que filosofia e ciência brotam do mesmo lugar. O pensamento científico (ciência) influencia a visão de mundo (filosofia); por isso, filosofia e ciência andam juntas. Na medida que a ciência se modifica, ela modifica também a filosofia. O modelo clássico de ciência surge ao final da Idade Média, e representa o auge da especialização, da organização das disciplinas e da objetivação, sendo que fortes rupturas ocorreram para que esse modelo se consolidasse. Descartes, considerado o pai da modernidade, foi responsável pela conversão da dúvida em método. A partir desse momento histórico, não há nada verdadeiro que não passe pelo crivo da razão. Tudo o que parece complexo deve ser fracionado, dividido, do mesmo modo que toda simplificação e divisão devem seguir um ordenamento que permita a remontagem (BERTICELLI, 2006).

Descartes possui mérito ao conduzir a ciência para a investigação metódica e cuidadosa. Porém, também dá início ao problema da simplificação metódica e do reducionismo. A dúvida metódica cartesiana é o nascimento do eu moderno, produto da razão, centrado em si mesmo (BERTICELLI, 2006). Esse modelo de desenvolvimento da ciência a partir de Descartes possibilitou aos cientistas da época o progresso do conhecimento e desenvolvimento da ciência.

O pensamento de Descartes compartilha da ideia metódica de dividir o objeto para estudar as especificidades, os elementos constituintes e, posteriormente, recompor o todo a partir dessas partes. É necessário reconhecer que esse modelo de pensamento promoveu a ciência e a tornou tudo o que ela é hoje, inclusive nossa compreensão de mundo. Por outro lado, é necessário, também, reconhecer sua incompletude frente aos problemas do mundo (POMBO, 2008).

Ao longo da história, as ciências da natureza desenvolveram atividades que consistem em reunir uma quantidade crescente de dados. A filosofia por sua vez, manteve-se estranha a esses dados, da mesma forma que esses para com ela, revelando distanciamento desses campos de conhecimento. A ciência natural penetrou de forma mais prática na vida humana, transformou e preparou a emancipação da humanidade, abandonou a orientação abstrata materialista e se tornou a base da ciência humana e, como efeito colateral, provocou a desumanização do homem (MARX, 2002).

O que se coloca nesse âmbito de discussão é a necessidade de visão de totalidade e interdependência dos fenômenos, sendo eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais ou culturais. Considerar esses fenômenos como dependentes impossibilita a exclusão de qualquer um, sob o risco de simplificar a relação complexa dos fenômenos que formam um todo complexo (BERTICELLI, 2006).

Destaca-se que, historicamente, os conhecimentos na área da saúde tiveram como principal influência o positivismo como forma predominante dos modos de pensar e produzir ações em saúde, como afirmado por Marx, afastando-se de campos de conhecimentos, como a filosofia, que permitem compreender a complexidade do processo saúde-doença. Porém, a mera especulação filosófica para essa compreensão não é suficiente, pois a filosofia não pode se afastar da realidade em que se realiza e ainda, não basta somente interpretar a realidade, é necessário criar possibilidades de transformação (BRUTSCHER, 2005).



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Dessa maneira, reconhecemos como pontos relevantes para o debate: Como a epidemiologia crítica pode auxiliar na compreensão da complexidade do processo saúde-doença para a epidemiologia em saúde? Quais as contribuições do materialismo histórico dialético como epistemologia para a epidemiologia crítica contra hegemônica?

Portanto, o objetivo desse trabalho é refletir sobre as contribuições do materialismo histórico dialético como epistemologia da epidemiologia crítica, na área da saúde. Entendemos que tal problematização contribui com a ampliação e aprofundamento teórico e conceitual a respeito dessa vertente da epidemiologia em saúde.

Metodologia

Este ensaio consiste em uma reflexão teórica originada do componente curricular Epidemiologia Socioambiental, do curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

O objetivo principal da disciplina foi compreender os aportes teóricos a partir de um enfoque socioambiental e crítico da epidemiologia, na perspectiva da compreensão das diferentes dimensões da epidemiologia clássica, social e crítica, bem como o reconhecimento da influência dos fatores socioambientais no processo saúde-doença.

Assim, a partir das discussões realizadas em sala de aula, juntamente com os materiais disponibilizados pelos professores, os estudantes deveriam construir um texto, relacionando os conteúdos ministrados na disciplina aos seus objetos de pesquisa da tese.

Resultados e discussão

Epidemiologia crítica e o processo saúde-doença

A epidemiologia crítica ou social, é um ramo epidemiológico que apresenta como ponto central a forma pela qual a sociedade e os diferentes modos de organização social influenciam a saúde e o bem-estar das pessoas e dos grupos sociais, com o intuito de compreender, de forma mais abrangente, porque ocorrem as desigualdades na saúde (RAMOS et al., 2016).

Essa vertente começou a se desenvolver na segunda metade do século XX, com o crescimento do interesse pelas explicações sociais do processo saúde-doença, ocasionado, principalmente pelos movimentos políticos que lutavam pela garantia dos direitos civis, pelo fortalecimento da perspectiva crítica e pela valorização do contexto sociocultural e político na determinação dos comportamentos humanos. Nesse sentido, a epidemiologia crítica se distingue, de outras abordagens epidemiológicas, pela tenacidade em investigar, categoricamente, os determinantes



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

sociais do processo saúde-doença, se tratando, no entanto, de uma distinção no plano teórico (BARATA; ALMEIDA FILHO; BARRETO, 2012).

Enquanto a epidemiologia tradicional busca responder por que as pessoas adoecem, a epidemiologia crítica procura compreender por que determinados problemas são predominantes em certas populações (BARATA, 2005). Na mesma direção, Ramos et al. (2016) apontam que a condição de saúde de um grupo de indivíduos revela não somente suas atuais condições de vida, mas inclui, também, a trajetória individual, que foi determinada pelo contexto social, econômico e político em que estavam inseridos. Dessa forma, a epidemiologia crítica analisa o processo saúde-doença pelo nível populacional e não pelo nível individual, superando os problemas teóricos da multicausalidade e atentando para os diferentes níveis hierárquicos de constituição do mundo material.

Ainda no tocante às definições conceituais, o autor, Jaime Breilh (2015) pondera sobre a definição e diferenças entre 'determinantes sociais' e 'determinação social' do processo saúde-doença. No primeiro, os eventos em saúde são mensurados enquanto fatores de risco que precisam ser enfrentados de forma individualizada, revelando a visão cartesiana em que as partes são fundamentais e, quando somadas, oferecem uma ideia da totalidade. Já o segundo conceito, o de determinação social, abrange uma visão diferente, que permite compreender os processos que combinam a estrutura, os modos de vida dos grupos e as condições individuais de vida. Nesse sentido, essas três dimensões são articuladas e compreendidas sem atomizá-las, mas sim, mostrando os vínculos entre elas.

Deste modo, ao pensar sob a perspectiva da epidemiologia crítica, estamos diante do desafio da superação da visão causalista no que se refere à explicação dos fenômenos, assumindo o conceito de determinação social como sendo o mais adequado para a compreensão de processos sociais complexos.

Os fenômenos envolvidos no processo saúde-doença constituem movimentos sociais, e dessa maneira, devem ser entendidos como realmente se apresentam: históricos, complexos, subdivididos, divergentes, dependentes e incertos (ALMEIDA FILHO et al., 2012). Diante disso, para alcançar essas dimensões torna-se necessário uma pluralidade metodológica, que supere essa lacuna da epidemiologia tradicional.

Contudo, ressalta-se que não se trata de uma medida, e sim de "arranjos destinados a, com maior eficiência, produzir conhecimento a respeito de problemas concretos da natureza, da cultura, da sociedade e da história, problemas que se referem à saúde" (ALMEIDA FILHO et al., 2012, p. 392).

Vale evidenciar que, não se deve atribuir prioridade em relação às abordagens quantitativas e qualitativas. A provocação será fazer com que ambas dialoguem para compor o conjunto de elementos sobre o problema. De um modo geral, devemos reconhecer a riqueza dos modelos estatísticos, porém, não é possível assumir que o princípio básico da verdade é o experimento. Breilh (2015) assume que a estatística é uma técnica, e quando vista a partir de um paradigma diferente, implicará em uma análise diferenciada. Assim como, os desenhos qualitativos podem auxiliar a compor estratégias variadas de investigação, de forma a superar o distanciamento da



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

realidade, inerente aos recortes quantitativos (ALMEIDA FILHO et al., 2012).

Do ponto de vista metodológico, os principais desafios para a epidemiologia crítica concentram-se na realização de estudos populacionais que permitam considerar de maneira satisfatória os efeitos contextuais e os efeitos composicionais. Isso reflete tanto na definição de desenhos apropriados de investigação, quanto para o nível de sustentação desses estudos, seja na dimensão coletiva ou individual (BARATA, 2005). Ou seja, superar tanto a visão unidimensional da antiga epidemiologia quanto sua visão fragmentada e estática dos fatores de risco.

Em consoante com os aspectos metodológicos, Barata (2005, p.16) traz os seguintes questionamentos: Quais são os conceitos e instrumentos corretos para a avaliação exata e precisa dos determinantes sociais? Em que medida é possível seguir usando as mesmas ferramentas utilizadas pela “epidemiologia dos fatores de risco” sem infringir os pressupostos teóricos das abordagens da epidemiologia social?

Como possibilidade de aproximação dessas abordagens e inaugurando esse diálogo Breilh (2006), busca no materialismo histórico dialético respostas para os reconhecidos dilemas entre as ciências da natureza, de característica positivista, e as ciências sociais, pela epidemiologia crítica.

O materialismo histórico dialético e a epidemiologia crítica.

O materialismo histórico, trazido por Breilh (2006) como epistemologia da epidemiologia crítica, traz a história como contexto, não podendo ser a realidade externa aos sujeitos. O ponto de partida da história são os humanos reais, suas ações e relações na produção das condições concretas de existência. Assim, a realidade como verdadeira é consciência da totalidade (BRUTSCHER, 2005). Não existem fatos que podem ser examinados de maneira neutra, ou seja, desligados do processo histórico-econômico, psicológico e político da humanidade (GADOTTI, 1998).

A maneira como as pessoas produzem suas condições materiais de vida condiciona seu modo de conceber o mundo. Deste modo, a realidade é atividade humana concreta, enquanto práxis, ação material pensada, consciente, crítica da situação concreta de vida. O materialismo, dessa forma, não se reduz a objetividade mecânica e nem positivista. É atividade humana material, diferenciada da pura abstração intelectual e dessa forma, possível de ser transformada (BRUTSCHER, 2005).

Assim, concebendo o materialismo como atividade humana e processo social o que se pretende é evitar a rigidez de um determinismo objetivo e também a completa ausência de processos que é característica própria do positivismo (BRUTSCHER, 2005), presente na vertente da epidemiologia hegemônica e criticada por Breilh (2006) ao propor a epidemiologia crítica.

Nisso consiste, também, Breilh (2006) ao propor a epidemiologia crítica. Os homens, conscientes da realidade, podem transformá-la. Para o materialismo histórico dialético esse processo é reconhecido como práxis. A práxis revela ao ser humano a possibilidade de agir de forma consciente frente ao mundo, de forma planejada e teorizada. É necessário a preocupação com a



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

ação prática, estando ciente de que não basta somente compreender, é necessária ação transformadora frente ao mundo (BRUTSCHER, 2005).

Breilh (2006), ao tencionar a epidemiologia crítica toma como base, além do materialismo histórico, o realismo dialético. O autor propõe que se olhe a saúde como processo, que além de resgatar as dimensões temporais, históricas e materiais, pelo materialismo histórico, necessita romper com a realidade como estática, linear e cristalizada. Deste modo, é necessária uma ruptura epistemológica que incorpore a complexidade e considere a realidade como processo, incorporando o princípio de movimento e reconhecendo a natureza contraditória dos fenômenos da realidade.

Nesse ponto é possível encontrar a influência da dialética como epistemologia filosófica da epidemiologia crítica. A dialética considera todas as coisas em movimento, relação e transformação, relacionadas umas com as outras. É movimento negativo da realidade e, assim, a mudança no mundo das ideias é a mudança na história e no mundo. Dessa forma, a dialética pode ser considerada como concepção de homem, de sociedade e da relação homem-mundo. A dialética explica a evolução da matéria, da natureza e do próprio homem. Pode ser considerada a ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior quanto do pensamento humano. (GADOTTI, 1998).

A concepção materialista dialética compreende ao estudar um fenômeno que devesse partir de seu conteúdo interno, das suas relações com outros fenômenos, devendo considerar o desenvolvimento dos fenômenos como seu próprio movimento necessário e interno em ligação e interação com outros fenômenos que o rodeiam (GADOTTI, 1998).

A concepção dialética de que a verdade da realidade é o movimento de vir a ser, se realiza por meio do sistema da contradição dialética e sua superação. A verdade, ou realidade, é o movimento dialético de totalidade. O método dialético de compreensão é dividido por três momentos: o lado abstrato ou intelectualivo (tese); o lado dialético ou negativamente racional (antítese) e o lado especulativo ou positivamente racional (síntese) (BRUTSCHER, 2005).

No primeiro momento (tese), do processo, existe a consciência 1 (C1) que representa o eu enquanto identidade imediata ou o ser para si (CENCI, 2003). Esse momento consiste em abstrair conceitos determinados. O intelecto se caracteriza pela capacidade de abstrair, distinguir e separar definições considerando-as definitivas. Assim, o intelecto produz conhecimentos inadequados, pois nesse processo fica preso a determinações finitas. A atividade intelectualiva é importante para o pensar sistemático, científico e filosófico, mas não pode bastar-se nele, devendo passar adiante (BRUTSCHER, 2005).

O segundo momento (antítese) é demarcado pelo aparecimento de uma consciência 2 (C2), que é negação de C1. Nesse momento, ambas aparecem em si como indeterminadas, cada uma independente da outra e certa de si mesma. Esse momento é considerado o da identidade ou igualdade imediata e abstrata em que é afetada pela descoberta da outra e observa que a outra é ao mesmo tempo idêntica e diferente de si. A independência imediata transforma-se em dependência, ou a certeza de si tem de ser mediada pelo reconhecimento da outra consciência. Ao contrário, ela permanece indeterminada, ou não reconhecida e em crise de identidade (CENCI,



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

2003).

Esse segundo momento pode ser considerado como o da dialética em si, que é entendida como a racionalidade negativa. A racionalidade negativa representa o 'vir-a-ser' das definições determinadas do intelecto e passa dar movimento, fazer relação ao universal abstrato e cristalizado do intelecto. O que se tem nesse momento é um mundo de oposições e o confronto, caracterizando como a insuficiência ou falta de relação com o outro, sendo que é essa insuficiência que impulsiona a necessidade de uma síntese superior, para além da mera oposição (BRUTSCHER, 2005).

O terceiro momento (síntese) envolve um duplo movimento no qual uma consciência se aliena na outra, mas o estado de confundir-se uma na outra não pode alongar-se sob pena de o processo estagnar-se. É necessário que, após uma alienar-se na outra, ocorra mútua diferenciação, que cada uma retorne a si, enriquecida pela mediação através da outra. É preciso passar da certeza de si à certeza do reconhecimento. Nesse momento C1 e C2 já não são a mesma coisa que eram no primeiro momento, voltam a ser diferentes e possuir identidades diferentes uma da outra, não são mais o que eram porque transcendem o estado inicial, enriquecendo-se pela mediação através da outra no processo de objetivação. Elas tiveram que perder-se para se encontrarem enriquecidas, definidas e agora superiores ao estado inicial (CENCI, 2003).

Esse terceiro momento pode ser considerado da racionalidade positiva e se caracteriza pela capacidade de apreender a unidade das determinações contrapostas em uma síntese que concilia os opostos. O lado especulativo consiste no momento capaz de absorver e conservar as oposições de superá-la no saber absoluto. Esse momento é o mesmo que a razão absoluta significa nos momentos da consciência, é o momento da identidade entre sujeito e objeto ou da unidade entre subjetivo e objetivo (BRUTSCHER, 2005).

Assim, dialética é um processo que implica identidade e diferença, negação e afirmação, "superar guardando". A contradição é o meio pelo qual a dialética acontece. As consciências necessitam sair de si, se negar para se reconhecer. A superação vai ocorrer na medida que houver negação, sendo que negação não significa destruição, mas superação (CENCI, 2003).

Para resumir o movimento que a dialética realiza nesses momentos podemos afirmar que primeiramente o pensamento assume determinada posição apresentando-se como tese; posteriormente, desperta críticas e será contraditória s sua posição que se apresenta como antítese; em conflito as duas concepções buscam reconciliação, apresentando-se como síntese (BRUTSCHER, 2005).

É possível encontrar nos princípios da dialética os elementos que fundamentam a epidemiologia crítica. O primeiro princípio é o da totalidade em que tudo se relaciona. Para a dialética a natureza se apresenta como um todo em que os objetos e fenômenos relacionam-se. A dialética possui fortemente essa característica e examina os objetos e fenômenos nessa perspectiva, buscando entendê-los em uma totalidade concreta (GADOTTI, 1998). Ao encontro disso, para tratar de totalidade, Breilh (2015) trabalha com processos que combinam a estrutura dos modos de vida dos grupos e as condições individuais e não apenas as partes somadas que dão ideia de generalidade.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

O segundo princípio é o do movimento, ou seja, tudo se transforma. O movimento é qualidade inerente das coisas. Nada é acabado, tudo está em contínua e constante transformação, contradição, negação e afirmação. Da mesma forma, a estrutura, os modos de vida dos grupos e das pessoas são articulados, compreendendo como unidade em movimento, sem reduzi-la, mas mostrando os vínculos possíveis de ser transformados (GADOTTI, 1998).

O terceiro princípio é o da mudança qualitativa: na dialética as mudanças qualitativas podem se operar pelo acúmulo dos elementos quantitativos. “A partir de certo limiar de mudanças quantitativas, dá-se passagem da quantidade para a qualidade” (GADOTTI, 1998, p. 105). O desafio para a epidemiologia crítica consiste em considerar diferentes abordagens de estudos para ter a real compreensão da realidade, considerando os efeitos de contexto e de composição (BARATA, 2005).

O quarto, e último, princípio é o da contradição, que consiste na unidade e luta pelos contrários. A transformação das coisas só existe porque no seu interior coexistem forças opostas que tendem para a unidade e para a oposição. A contradição é universal e inerente a todas as coisas materiais e espirituais e é essência da dialética (GADOTTI, 1998). Nesse elemento consiste a possibilidade de transformação; por isso, a epidemiologia crítica é um ato epistemológico, sendo necessário um alto grau de conhecimento de seu interior e de suas contradições a fim de transformar a situação que afeta (BREILH, 2006).

A concepção dialética promove a elaboração do pensamento crítico e autocrítico e o questionamento da realidade presente. A dialética é questionadora e contestadora, exigindo constantemente examinar a teoria e a crítica da prática (GADOTTI, 1998).

Dessa forma, enquanto as ciências têm por objetivo um aspecto limitado do real, o materialismo dialético compreende o mundo em seu conjunto, não se separando da ciência, pois é ela que possibilita desenvolvimento e superação (GADOTTI, 1998). E assim, o paradigma dialético da epidemiologia crítica se constrói como uma visão contra hegemônica que possibilita a transformação da sociedade, tornando-se propícia para o campo da saúde (BREILH, 2005). O modo dialético de pensar encontra uma grande possibilidade de se desenvolver e se colocar a serviço de toda humanidade (GADOTTI, 1998).

Conclusões

Retomando as questões norteadoras desse texto, acreditamos que a epidemiologia crítica pode contribuir para a compreensão da complexidade do processo saúde-doença, uma vez que se apresenta como abordagem que possibilita a visão de totalidade dos fenômenos. Somado a isso, entendemos que o materialismo histórico dialético se afirma como epistemologia da epidemiologia crítica na possibilidade de uma postura contra hegemônica.

A partir desta reflexão apresentamos como desafio para área da saúde o aprofundamento teórico do materialismo histórico dialético para construção dos arranjos metodológicos que permitam a



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

combinação das abordagens quantitativas e qualitativas, nos estudos epidemiológicos, de forma a compreender a complexidade implicada no processo saúde-doença.

Palavras-chave: epistemologia; processo saúde-doença; estudos epidemiológicos.

Agradecimentos: Universidade Comunitária da Região de Chapecó; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Referências

ALMEIDA FILHO, Naomar de et al. Construindo a epidemiologia. In: ALMEIDA FILHO, Naomar de; BARRETO, Maurício Lima. **Epidemiologia & saúde: fundamentos, métodos, aplicações.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

BARATA, Rita B; ALMEIDA FILHO, Naomar de; BARRETO Maurício. Epidemiologia social. In: ALMEIDA FILHO, Naomar de; BARRETO, Maurício Lima. **Epidemiologia & saúde: fundamentos, métodos, aplicações.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

BARATA, Rita Barradas. Epidemiologia Social. **Rev. Bras Epidemiol.** v. 8. n. 1. p. 7-17. 2005.

BERTICELLI, Ireno Antônio. **Epistemologia e educação: da complexidade, auto-organização e caos.** Chapecó: Argos, 2006.

BREILH, Jaime. Entrevista: Jaime Breilh. **Rev. Trabalho Educação e Saúde.** v. 13, n. 2, p. 533-540. 2015.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade.** 20 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

BRUTSCHER, Volmir José. **Educação e conhecimento em Paulo Freire.** Passo Fundo: IFIBE e IPF, 2005.

CENCI, Angelo Vítório. Reconhecimento e intersubjetividade: elementos para uma antropologia filosófica a partir de Hegel. In: DALBOSCO, Cláudio Almir (Org.). **Filosofia prática e pedagogia.** Passo Fundo/RS: UPF Editora, 2003, p. 122-136



6° CONGRESSO INTERNACIONAL EM SAÚDE CISaúde

Vigilância em Saúde: Ações de Promoção,
Prevenção, Diagnóstico e Tratamento



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 2 ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Martin Claret: São Paulo, 2002.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**: ensino e conhecimento científico. 2 ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.

POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Ideação. Revista do Centro de Educação e Letras da UNIOESTE. V. 10, nº 1, 1º semestre de 2008.

RAMOS, Francisco Lúzio de Paula et al. As contribuições da epidemiologia social para a pesquisa clínica em doenças infecciosas. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v.7, n. esp, p. 221-229, dez. 2016.